

# Bizarra surpresa

José Eli da Veiga

*Valor Econômico*, 30.6.2020

Prioridade à descarbonização dos processos econômicos e sociais está demorando demais para se transformar em ações multilaterais eficazes

---

São extremamente comuns as referências a uma “agenda ambiental” em que os muitos problemas teriam importâncias similares. Seriam equivalentes ao menos os dez principais desafios. Em ordem alfabética: acidificação dos oceanos; descargas excessivas de nitrogênio e de fósforo; erosão da biodiversidade; inseguranças hídricas; mudanças climáticas; poluições do ar; poluições químicas; redução da camada de ozônio e usos irresponsáveis dos solos.

Porém, a maioria dos cientistas - para não dizer quase todos - estabelece algum tipo de hierarquia, pois os problemas são extremamente dependentes do que ocorrerá com um deles, o aquecimento global. Será em vão tudo o que puder ser feito de positivo pela promoção da biodiversidade, pela segurança hídrica, ou pelos solos, por exemplo, se houver insucesso no front climático. De resto, entre os dez problemas mencionados acima, há ao menos um que sequer existiria se não fosse o descontrole climático: a acidificação dos oceanos.

Tamanha prioridade à descarbonização dos processos econômicos e sociais está demorando demais para se transformar em ações multilaterais eficazes, principalmente devido à precariedade do arranjo institucional que emergiu em 1992, com a chamada Convenção do Clima. Com certeza, melhores resultados teriam sido obtidos se o padrão tivesse sido semelhante ao da Convenção de Viena, que, em março de 1985, iniciara o combate às substâncias que destroem a camada de ozônio.

Nesse contexto, são altamente admiráveis as heroicas e exemplares iniciativas nacionais e regionais que tentam dar início à descarbonização, sem esperar por conjuntura mundial mais favorável. Por menores que possam ser seus impactos na principal causa do aquecimento - a matriz energética global - merecem máxima atenção as recentes iniciativas da Dinamarca, Alemanha e França.

Há uma semana, o Parlamento dinamarquês aprovou o corte de emissão de 70% até 2030, em relação aos níveis de 1990. Bem mais que a União Europeia, cujo objetivo é redução de 40%. Pelo acordo, que teve apoio de todos os partidos, o país se compromete a reduzir suas emissões de carbono em 3,4 milhões de toneladas. “Este acordo mostra ao mundo que a ação climática e a reconstrução econômica andam de mãos dadas”, argumentou o Ministério do Clima.

É verdade que a pequena Dinamarca foi precursora na adoção de ambiciosas políticas verdes, que estimularam o surgimento dos maiores fabricantes globais de equipamentos para a geração de energia eólica, como turbinas e parques marítimos. Mas algo bem parecido também está ocorrendo na maior economia da zona do euro. É na Alemanha que a retomada pós-pandemia mais promete ser descarbonizadora, como mostrou ampla e detalhada reportagem de Daniela Chiaretti, no **Valor** de 19 de junho de 2020.

Em termos tecnológicos, a principal novidade será a produção de hidrogênio verde, inteiramente produzido a partir de renováveis, ao contrário do cinza (baseado no carvão)

e do azul (híbrido, obtido pela queima de gás). Aposta que também está sendo feita pela França, em projeto estratégico de construção da primeira aeronave neutra em carbono.

Nos próximos três anos, os franceses investirão € 1,5 bilhão para assegurar comercialmente essa tecnologia na aviação civil, por volta de 2035. O objetivo do governo é ajudar sua indústria aeroespacial a dar um salto tecnológico que permita ter vantagem competitiva em realidade com emissões de carbono cada vez mais reduzidas. Será esse o Concorde do século 21.

Segundo o banco Morgan Stanley, isso faz muito sentido, especialmente à medida que os consumidores nos principais mercados globais se tornam mais exigentes com relação aos impactos ambientais de suas viagens aéreas. De acordo com recente relatório da instituição, as companhias aéreas engajadas em neutralizar as emissões de suas atividades podem ganhar cada vez mais participação nas próximas décadas.

Estes três exemplos de países europeus são suficientes para confirmar que, aos trancos e barrancos, o aquecimento global vem sendo assumido, na prática, como o prioritário entre os dez maiores problemas ambientais. Em total contraste, aliás, com o atraso que continua a imperar nas maiores potências mundiais, assim como nas principais nações emergentes. É surpreendente, portanto, que alguém razoavelmente informado proclame o inverso nesta altura do campeonato.

Todavia, é justamente o que mais salienta a publicidade de livro a ser lançado hoje pela editora HarperCollins e que já obteve forte resenha no Wall Street Journal (21/jun/20): “A mudança climática não é o mais sério problema ambiental”. Claro, essas 432 páginas nem mereceriam atenção se o autor fizesse parte do ínfimo clube negacionista. Só que o longo currículo do ambientalista Michael Shellenberger indica que ele até faz parte do time de revisores críticos do próximo relatório do IPCC, principal referência científica sobre a evolução climática. Serviço: Apocalypse Never (US\$ 15, no Kindle).